

# CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA, TEOLOGIA E PÓS-MODERNIDADE: PARA UM ESTUDO DO CRISTIANISMO ANTIGO<sup>1</sup>

Monica Selvatici\*

## Abstract

*The purpose of this article is to consider the similarities, in terms of methodological procedure, between the work of the theologians who employ the historical-critical method in their analyses of the biblical texts and that of the New Cultural and Intellectual historians who are concerned with the textual dimension of the sources they study. The established parallel may be useful for historians, who work in the field of the History of Religions and, more precisely, for those who study Early Christianity.*

**Keywords:** Early Christianity; biblical texts; theological and historical methodologies.

## Resumo

*O propósito desse artigo é considerar as similaridades, em termos de procedimento metodológico, entre o trabalho dos teólogos que empregam o método crítico-histórico em suas análises dos textos bíblicos e aquele dos historiadores da História Intelectual e da Nova História Cultural, que estão preocupados com a dimensão textual das fontes que eles estudam. O paralelo estabelecido pode ser útil para os historiadores que trabalham no campo da História das Religiões e, mais precisamente, para aqueles que estudam o Cristianismo antigo.*

**Palavras-chave:** Cristianismo antigo; textos bíblicos; metodologias teológica e histórica.

Este texto é fruto de reflexões de nossa parte acerca do trabalho do historiador das religiões – que, em nosso caso, se detém sobre o tema do Cristianismo antigo – e seu necessário intercâmbio com a exegese bíblica, área específica da Teologia, normalmente desenvolvida pelos especialistas nas áreas do Antigo e Novo Testamentos. O trabalho desses especialistas tem por peculiaridade a especial atenção conferida à crítica e à análise interna dos textos bíblicos que na tradição judaica e, por herança, na tradição cristã são textos considerados sagrados. Esta característica fundamental da

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da UNICAMP. Membro do Centro do Pensamento Antigo / UNICAMP.

análise teológica parece, a princípio, distanciá-la do ofício dos historiadores. No entanto, ao longo de nossa argumentação, gostaríamos de explicitar, ao contrário, a proximidade cada vez maior entre o procedimento metodológico utilizado pelos exegetas e aquele adotado pelos historiadores adeptos da Nova História Cultural e Intelectual.

O evento de Cristo foi desde os primeiros tempos do Cristianismo interpretado numa dimensão escatológica (o termo escatologia se refere à doutrina das 'últimas coisas', isto é, a morte, o juízo final, etc): chegava-se ao fim da história, uma vez que Deus havia se manifestado e se comunicado totalmente através de Cristo.

Paulo de Tarso, o missionário a quem a religião cristã deve os fundamentos de sua teologia, afirmou em sua primeira epístola aos tessalonicenses (5:1-11) que o Reino de Deus se instauraria quando da segunda vinda de Cristo sobre a Terra, momento em que através de um julgamento final a humanidade seria dividida entre justos a partilharem da nova era e ímpios que pereceriam. Ainda assim, aqueles que acreditassem no Cristo ainda neste mundo estariam, de certa forma, vivendo antecipadamente a nova era do Reino. Também na primeira epístola aos tessalonicenses (1:9b-10), Paulo torna explícita a ambigüidade de sua formulação: "*e como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro, e esperardes dos céus a seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos: Jesus que nos livra da ira futura*". Dependendo do trecho em que se coloca a ênfase, em 'esperardes dos céus a seu Filho' ou em 'Jesus que nos livra da ira futura', não se sabe se Paulo está se referindo a uma escatologia presente ou futura.<sup>2</sup>

Exatamente por isso, a demora da chegada do salvador levou a interpretação teológica que se estabeleceu posteriormente a colocar a ênfase sobre uma escatologia já realizada.<sup>3</sup> Tudo adquiria, assim, um cunho cristológico e toda a história seria então interpretada à luz do evento da morte e 'ressurreição' de Jesus. Segundo afirma o teólogo Boff (1975, p.532), "*toda a Teologia assumiu este procedimento*". Assim, a interpretação teológica tradicional busca um sentido que não reside nas palavras do texto bíblico, mas num referencial meta-empírico, uma vez que ela entende ser a função do texto religioso a de nos remeter para fora do mundo profano, ou seja, para a realidade do 'ser verdadeiro'. Segundo Krentz (1975, p.11), "*a idéia de que aquilo que era digno de Deus triunfou sobre interesses históricos na forma de uma crítica dogmática*" até, pelo menos, o século XVII, embora, já em fins do medievo, São Tomás de Aquino e

outros pensadores tivessem alertado para a necessidade de uma interpretação mais literal dos textos bíblicos.

No entanto, é apenas em fins do século XVII e, mais amplamente, no XVIII que a chamada Razão triunfa sobre a Revelação no âmbito da crítica textual bíblica. A investigação histórica passava, então, a ser uma forma de análise legítima dos textos bíblicos, porém, como instrumento de estudo para se compreender a Revelação. Seu objetivo era, portanto, não-histórico. Também nas palavras de Krentz (1975, p.17), “*a história era estudada de forma a se remover/se retirar em favor da verdade não histórica*”.

O método histórico ganhou liberdade em relação aos pressupostos teológicos que o haviam cerceado até então no século XIX. A Ferdinand C. Baur é que se deve, neste momento, a fundação da escola histórico-crítica de Tübingen, na Alemanha. Este autor ficou conhecido por seu argumento de que o dilema da igreja cristã primitiva fora aquele personificado na oposição entre Paulo, o missionário para os gentios, e Pedro, o apóstolo dos circuncisos. Embora a posição dele tenha sido, há muito tempo, refutada na historiografia, o seu legado reside no grande “*mérito de ter enquadrado os textos do Novo Testamento na história das origens do Cristianismo*”, afirma Barbaglio (1993, p.158).

O método histórico-crítico, do qual faz uso a maioria dos exegetas, parte da noção de que o conhecimento histórico-crítico é imanente, deve buscar a imparcialidade e adota como objetivo, na análise dos textos, a reconstrução do contexto histórico no qual eles foram produzidos (em nosso caso, a reconstrução dos primeiros momentos da história cristã). Percebemos que esses também foram os pressupostos que governaram a disciplina/ciência da história naquilo que os intelectuais pós-modernos, culturalistas ou pós-estruturalistas chamam de Modernidade (ou seja, todo o século XIX até, mais ou menos, a década de 1980 do século XX). A princípio, parece a nós que a história social (corrente historiográfica que vigorou até aquele momento e que buscava o contexto social por trás dos documentos históricos) e a exegese histórica caminharam juntas no que diz respeito à forma de análise do documento – os textos bíblicos –, ou seja, numa relação entre texto e contexto.

Entretanto, nas décadas de 1960 e 1970, apareceram os diversos trabalhos de Foucault, o filósofo que teorizou sobre o discurso como um enunciado não apenas pronunciado ou escrito, mas como um enunciado capaz de produzir práticas. A atenção de Foucault se voltou para a questão da

definição e consolidação, por meio dos discursos, de uma certa subjetividade ou, em outros termos, de uma natureza humana em torno da qual se construiu a racionalidade ocidental com todos os seus postulados acerca da busca pela verdade através da ciência.

As digressões histórico-filosóficas de Foucault sobre a 'ordem do discurso' denotando, ao que parece, a natureza discursiva/textualizada da realidade (ou, ao menos, a noção de discurso enquanto produtor de práticas) transformaram a questão da relação entre texto e contexto no centro das atenções dos historiadores culturais ou pós-estruturalistas exatamente porque diluíram ou, ainda mais drasticamente, porque aboliram as fronteiras entre texto e realidade/mundo social. Este mundo social se tornava agora um universo textualizado.

Mark Poster, historiador intelectual, adepto dos novos pressupostos colocados pela História Cultural, valoriza a centralidade da questão do texto, a partir de Foucault, na medida em que rompe com a idéia de uma busca do historiador por alcançar a verdade sobre o 'real' nos documentos históricos. Esta busca pela verdade constitui o traço característico da concepção clássica de história, na medida em que os registros históricos são entendidos como mediadores transparentes entre o historiador e os fatos ou, em outras palavras, entre o presente e o passado (1997, p.5). Para Poster, com Foucault e Derrida, o texto deixa de ser um reflexo do real para se tornar produtor de realidade. O autor (1997, p.6) declara que a História Cultural vem desafiar

*os historiadores a confrontar o que permaneceu enterrado sob as suposições realistas ou logocêntricas do poder representacional da escrita, isto é, a materialidade produtiva do texto, o sentido pelo qual a história como um evento passado é sempre mediada por documentos escritos e a história como uma forma de conhecimento é sempre ela própria um discurso (o grifo é nosso).*

A questão central sobre a qual se debruçam e se questionam os intelectuais pós-modernos é aquela da necessária mediação da linguagem entre os homens e o mundo ou a história. LaCapra, outro historiador intelectual instigado por esta questão e procurando encontrar novos métodos para a História Intelectual, se propõe a pensar a questão de por que os grandes textos, considerados canônicos na história da humanidade, são freqüentemente objetos de interpretação excessivamente reducionista, mesmo quando são o

centro da análise. Partindo desta pergunta, LaCapra constata que uma primeira forma de redução interpretativa é a predominância da concepção 'documental' da compreensão histórica que não permite um diálogo ou uma interação sutil entre presente e passado, entre proximidade e distância. Para ele, tal relação dialógica entre o historiador ou o texto historiográfico e o objeto de estudo (o registro histórico) é de extrema importância, na medida em que levanta a questão de como o uso da linguagem pelo historiador "*é mediada por fatores críticos que não podem se reduzir à predicação factual ou à declaração autoral direta sobre a 'realidade' histórica*" (1983, p.49).

LaCapra, em sua abordagem, também desfaz as fronteiras entre linguagem e mundo. O contexto do "mundo real" é, assim, textualizado. Para ele, a questão mais importante na historiografia "*é aquela da relação entre reconstrução documental do passado e diálogo com o passado*" (1983, p.50).

A História Intelectual proposta por LaCapra se preocupa em transformar em problema a ser inquirido o que é normalmente tomado como suposto, isto é, o contexto. Assim, ele questiona "*a natureza precisa da relação entre textos e seus vários contextos pertinentes*". Partindo de tal problemática, ele percebe que "*um apelo ao contexto [social, tão almejado pelos historiadores sociais] não responde a todas as questões sobre leitura e interpretação*" (1983, p.57). De igual maneira, um apelo ao contexto é decepcionante porque nunca se tem o contexto nos textos complexos. Tem-se, na verdade,

*um conjunto de contextos interativos cujas relações entre si são variáveis e problemáticas e cuja relação para com o texto investigado suscita questões difíceis de interpretação. Além disso, a afirmação de que um contexto específico ou subconjunto de contextos é especialmente significativo num caso dado tem que ser argüido e não simplesmente assumido/suposto ou sub-repticiamente construído em um modelo explicador ou uma estrutura de análise* (LACAPRA, 1983, P.57).

Feitas essas reservas para o estabelecimento de contextos que interagem com os textos, LaCapra entende serem seis os possíveis contextos pertinentes:

1. a relação entre as intenções do autor e o texto (que se constroem, isto deve ficar claro, ao longo do texto);
2. a relação entre a vida do autor e o texto (uma busca pelas motivações do autor);

3. a relação entre a sociedade e os textos (em que se deve pensar como o contexto social ou traços dele aparecem ou interagem num texto);

4. a relação entre a cultura e os textos (o conceito de 'cultura' é muito amplo, na opinião de LaCapra, sendo melhor substituído por aquelas noções que caracterizem formas de pensamento mais delimitadas, como uma escola, um movimento, uma rede de associações, etc.);

5. a relação entre um texto e o *corpus* de um autor (o que se coloca em questão neste possível contexto é a unidade ou a identidade de um *corpus*);

6. a relação entre modos de discurso e textos (diz respeito à questão da pertença de um texto a um gênero literário que deve necessariamente ser questionada antes de assumida).

Para LaCapra, o predomínio de uma concepção apenas documental da análise dos textos "*distorce nossa compreensão tanto da historiografia quanto do processo histórico*" (1983, p.78); exatamente por isso, ele professa uma análise dialógica do texto, em termos dele enquanto discurso e dele enquanto suporte para os vestígios do real.

Ao compararmos as propostas de LaCapra à forma como os exegetas que se utilizam do método histórico-crítico trabalham os textos bíblicos, vemos aparecer, **surpreendentemente**, uma série de importantes paralelos – não no que diz respeito aos objetivos deles, pois, como já afirmamos, o método histórico-crítico foi estabelecido num momento em que, mais do que nunca, se professava ainda a busca pela verdade histórica – em termos, sim, do procedimento metodológico. De acordo com as determinações do *Ecumenical Study Conference* (*apud* KRENTZ, 1975, p.2) que teve lugar em Oxford, ainda no ano de 1949, os passos dos exegetas através do método histórico deveriam ser os seguintes:

1. a determinação do texto (que se refere às decisões dos especialistas em relação às variações nos manuscritos dos vários livros do Novo Testamento);

2. a forma literária da passagem (a que gênero ela pertencia);

3. a situação histórica (o contexto histórico);

4. o significado que as palavras tinham para o autor original e o leitor;

5. por fim, a compreensão da passagem à luz do contexto total do texto e do *background* do qual ele emergiu.

O método histórico-crítico na exegese privilegia a busca por uma reconstrução do contexto histórico no qual foram escritos os textos bíblicos analisados. Esta é, obviamente, a característica primeira do trabalho do historiador. Neste ponto, o trabalho de ambos se aproxima muito. E para os historiadores da Nova História Cultural e Intelectual, esta tarefa deve, agora, considerar os constrangimentos que a palavra escrita do documento analisado impõem ao conteúdo dele, isto é, as informações que podem ser extraídas a respeito do passado. LaCapra, o autor que adotamos de forma a melhor explicitar nosso paralelo, entende tais constrangimentos como uma série de contextos pertinentes que destacam a importância do autor e das convenções literárias na forma final do texto. Temos aí outro ponto de encontro no trabalho das duas áreas de estudo, na medida em que tais constrangimentos, como a obediência de um texto a um certo gênero literário ou a sua dependência em relação a outros textos, sempre foram prioridade na exegese bíblica. Isto acontece porque os textos do Novo Testamento se inspiraram e criaram laços de dependência para com uma longa tradição textual judaica na qual certas formas literárias se convencionaram. Tais laços não se limitam apenas à questão das formas literárias. Eles refletem uma dependência primeira e muito maior: a compreensão da figura de Jesus como a realização das profecias de Israel acerca do Messias, do Cristo (o ungido de Deus).

Percebemos, neste sentido, que a trajetória dos historiadores preocupados em problematizar a relação entre texto e contexto, anteriormente tida como inquestionável e óbvia pelos historiadores sociais, e também atentos em conferir maior atenção ao texto histórico como texto, ao contrário de se distanciar, se aproxima da forma como trabalha a maioria dos exegetas na atualidade. Assim, ao invés de criarmos um discurso de localização ou delimitação de espaços disciplinares entre a história e a exegese bíblica, talvez fosse mais útil enfatizarmos os aspectos metodológicos comuns que as identificam e as aproximam e que permitem, desta forma, um diálogo mais profícuo no que diz respeito à pesquisa sobre o tema do Cristianismo antigo.

## **Bibliografia**

- BARBAGLIO, G. *São Paulo, o Homem do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOFF, L. O Pensar Sacramental: Sua Estrutura e Articulação. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA 35 (139), pp.515-541, 1975.

- BROWN, R. E. *An Introduction to the New Testament*. New York: Doubleday, 1997.
- FOUCAULT, M. *L'Ordre du Discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- KRENTZ, E. *The Historical-Critical Method*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.
- LACAPRA, D. Rethinking Intellectual History and Reading Texts. In: LACAPRA, D.; KAPLAN, S. L. *Modern European Intellectual History. Reappraisals and new perspectives*. Ithaca/New York: Cornell University Press, 1983, pp.47-85.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo. Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- POSTER, M. Introduction; Textual Agents: History at the End of History; In Place of a Conclusion: History as Knowledge. In: *Cultural History and Postmodernity. Disciplinary readings and challenges*. New York: Columbia University Press, 1997, pp.3-13; 38-71; 153-158.

### Notas

---

<sup>1</sup> Este texto é versão revisada e ampliada da comunicação apresentada no IX Simpósio de História Antiga / III Simpósio Internacional de História Antiga do Cone Sul / II Encontro Nacional do GT História Antiga – ANPUH, realizado em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre os dias 2 e 6 de setembro de 2002.

<sup>2</sup> Esta ambigüidade entre uma escatologia futura e uma, no caso, já vivida pelas comunidades cristãs é visível, segundo aponta J. Murphy-O'Connor (2000, pp.134-135), no contexto da comunidade cristã paulina de Tessalônica e, como pudemos observar, se faz refletir na primeira epístola aos tessalonicenses.

<sup>3</sup> Tal interpretação é já anunciada pela epístola paulina aos colossenses (que é entendida como pseudepígrafa) e depois desenvolvida pelos Padres da Igreja Irineu, Tertuliano e Orígenes.